

Perspectivas e sintomas da historiografia do período tardo medieval: um encontro entre Ocidente e Oriente

*Elaine Cristina Senko**

Resumo: Neste artigo propomos investigar as perspectivas e sintomas da historiografia tardo-medieval. Destarte, analisamos alguns aspectos do modo de escrever a História por Jean Froissart, Pero Lopez de Ayala, Fernão Lopes, Ibn Al-Khatib, Al-Maqrizi e Ibn Al-Furat, com o intuito de verificar as aproximações e distanciamentos metodológicos entre eles. Pontuamos a dinâmica das narrativas entre ambos os espaços de erudição, cristã e islâmica, e propomos sua possível interação e/ou ação concomitante do entendimento histórico nesse período do outono da Idade Média. Nossa estudo, portanto, esclarece visões parciais sobre o medievo e promove o encontro entre Ocidente e Oriente através da História.

Palavras-chave: historiografia medieval; outono medieval; narrativa medieval.

Abstract: In this article we propose to investigate the prospects and symptoms of late medieval historiography. Thus, we analyzed some aspects of the way of writing history by Jean Froissart, Pero Lopez de Ayala, Fernão Lopes, Ibn Al-Khatib, Al-Maqrizi and Ibn al-Furat, in order to verify the methodological similarities and differences between them. Punctuated the narrative dynamics of the spaces between them of scholarship, christian and islamic, and propose their possible interaction and/or concomitant action of historical understanding in the autumn

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História UFPR. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos. Orientadora: Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães.

of the Middle Ages. Our study thus clarifies partial views over the medieval and promotes the meeting between East and West throughout History.

Keywords: medieval historiography; autumn of the Middle Ages; medieval narrative.

O estudo sobre a escrita da História no medievo é parte fundamental na desmistificação de uma “idade das trevas” e contribuinte de uma Idade Média múltipla, enriquecedora e geradora de homens de saber. Torna-se importante ressaltar também que o período tardo medieval é considerado um ambiente de crise compartilhado por todo o complexo Mediterrâneo, mas ao mesmo tempo, os homens da pena partilhavam o desenvolvimento do saber advindo do islamismo e do humanismo cristão. Nesse aspecto, o Mediterrâneo não foi somente o local de embates ao longo da história, mas revelador de um ambiente de relações mútuas entre cristãos e muçulmanos. Por meio dessa constatação podemos levantar a hipótese da existência de trocas de escritos historiográficos entre um mundo cristão e um dito islâmico¹.

¹ As incompreensões e opiniões negativas contemporâneas sobre o Islã nos provocam a pesquisar sobre a cultura e civilização árabe e muçulmana. O estudo do Oriente se faz necessário dentre muitas razões para esclarecer equívocos que muitos europeus e norte-americanos já declararam e postularam como verdades por tanto tempo, tal como o erro de colocar em um mesmo patamar muçulmanos e terroristas, especialmente após os ataques de onze de setembro de 2001 e a morte recente de seu responsável, Osama Bin Laden. Estamos cientes do porquê dessas construções e entendemos que o historiador deve ir além do modelo taxativo e incoerente, de caráter generalizante, passando a compreender a História de modo mais reflexivo e crítico.

Quando o historiador se propõe a estudar períodos na História marcados por grandes conflitos, sua tarefa demonstra-se complexa desde o início, a começar pela seleção das fontes. Devemos levar em consideração a existência de discursos diferentes dos lados do embate, sem que possamos deduzir a priori, seja qual for o critério utilizado, qual seria aquele que se aproximaria mais de uma verdade histórica. É nesse sentido que o trabalho do historiador ganha complexidade, exigindo um olhar constantemente crítico e rigoroso sobre os documentos em estudo e o contexto do qual eles fazem parte.

Aliás, nesse sentido lembremos que a Idade Média fomentou nossa concepção de História, herdeira dos clássicos e tempo de encontros entre o Oriente e o Ocidente. Devemos lembrar, como parte importante desse processo, o movimento de tradução de boa parte das obras gregas feitas pelos árabes, já no século IX, em Bagdá. O investimento dado ao saber em Bagdá foi iniciado pelo califa, Harun Al-Hashid (766-809) e, posteriormente, financiado pelo seu filho e futuro califa Al-Mamum (786-833), tendo como o local de encontro a denominada Casa da Sabedoria. A partir, principalmente, desse grupo de estudos a divulgação das obras clássicas foi recepcionada ao longo do medievo, e estas chegaram ao Ocidente pela principal conexão Bagdá-Córdoba/Toledo-Paris (movimento conhecido como *translatio studiorum*). Estas obras, traduzidas primeiro em sírio, depois em língua árabe e latim, fomentaram a

intelectualidade no medievo, seja para cristãos, judeus ou muçulmanos².

Propomos neste artigo caracterizar algumas das principais tendências subjacentes ao fazer histórico que o medievo tardio mediterrâneo apresentou, buscando aquele que seria um “contexto intelectual” próprio do momento. Nesse sentido, nosso foco recai na produção historiográfica de vertente francesa (Jean Froissart), espanhola (Pero Lopez de Ayala) e portuguesa (Fernão Lopes), como exemplos para o medievo ocidental, e, para o ambiente muçulmano, no trabalho dos historiadores clássicos tardios como o granadino (Ibn Al-Khatib) e dos egípcios (Al-Maqrizi) e (Ibn Al-Furat).

Na orientação cada vez mais “nacionalista” da historiografia medieval ocidental, vemos no ambiente francês o surgimento das chamadas Grandes chroniques. Compostas entre os séculos XIII e XIV, narravam a história da França e de seus reis desde a origem troiana (um mito fundador) até aproximadamente o ano de 1380. Na compreensão de François Dosse, porém, ocorre nesse instante um

² A Idade Média foi um período histórico marcado por vários conflitos entre cristãos e muçulmanos. Na base da questão estava a alteridade religiosa, fator ideológico. As Cruzadas representam talvez o mais dramático embate entre esses dois grupos, e isso fica claro tanto nas Cruzadas do Oriente (do século XI até o XIII) quanto no movimento de *Reconquista* (ou domínio de fronteiras) realizado pelos cristãos na Península Ibérica (de por volta do século XI até o XV). Mas ainda que existissem períodos mais “sérios” de combate, devemos lembrar que não houve uma guerra incessante. Na maior parte do tempo houve paz, sendo que cristãos e muçulmanos relacionavam-se no cotidiano e desenvolviam atividades em conjunto. Propomos assim, um diálogo entre as culturas no medievo, ou seja, uma integração que esclareça melhor os pontos de vista.

movimento interessante: o fazer histórico deixa os scriptorium dos mosteiros para encontrar seu espaço no ambiente citadino em ascensão, mais especificamente nas cortes principescas, onde os historiadores escrevem um gênero cronístico de grande cuidado narrativo e no qual “desenvolvem certas anedotas significativas, procuram as causas e utilizam as regras retóricas para ‘historiar a matéria’, como diz o cronista Froissart”³. De fato, tendo por seu público principal uma antiga nobreza de guerra, Jean Froissart (1337-1404) foi um grande valorizador dos ideais cavalheirescos, um cronista que, numa perspectiva moralizante, transmitia ao futuro a noção de honra e tradição militar pertencente à nobreza. Relatou as guerras de 1327 (advento de Eduardo III) até a morte de Ricardo II, em 1400, nas chamadas Chroniques de France, d’Angleterre et dês pais voisins, escritas entre os anos de 1370 e 1400. Durante esse tempo, transitando entre diferentes patrocinadores, escrevia seu texto em função de cada novo momento e interesse⁴, para tal mesclando a compilação de escritos e a informação oral disponível, esta sendo recolhida de testemunhas oculares em diferentes lugares do conflito

³ DOSSE, François. **A História**. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p.119.

⁴ Sobre Froissart, a historiadora Marie-Paule Caire-Jabinet, acrescenta que “seu relato, cheio de vivacidade, evolui de acordo com os interesses de seus protetores, a rainha Filipa, esposa de Eduardo III, e depois da morte desta em 1369, o duque Wenceslau de Luxemburgo”. In: CARIE-JABINET, Marie-Paule. **Introdução à historiografia**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2003, p. 45.

anglo-francês⁵. No entanto, durante essa tarefa, conforme ressaltou François Dosse, “a verdade factual freqüentemente é sacrificada em proveito da eficácia do relato, a beleza dramática e efeitos provocados no leitor”⁶. Do seu modo, Froissart torna-se um importante referencial para compreendermos o momento pelo qual passava a historiografia, bem como o responsável por escrevê-la, no século XIV medieval: a ascensão do cronista régio.

Em Castela, a tradição cronística nacional desenvolve-se na linha já estabelecida sob a orientação do monarca Afonso X. Assim, a chamada Segunda Crónica General, de 1344, e Tercera Crónica General, de 1390, demarcam a continuidade de um modelo no qual se enraíza a tradição castelhana. No ambiente aragonês visualizamos iniciativas nesse mesmo sentido, tal como a crônica, composta provavelmente sob influencia política de Pedro IV, “O ceremonioso”, que relata a história da Espanha desde suas origens míticas até, centrando no tom regional, em uma narrativa dos reis de Aragão a

⁵ CARDOSO, Ciro Flamarión. **Um historiador fala de teoria e metodologia : Ensaios.** Bauru: EDUSC, 2005, p. 130.

⁶ DOSSE, François. **A História.** *op. cit.*, p. 120. Ainda segundo Dosse, “se Froissart pretende construir uma ‘justa e verdadeira’ história, baseada em uma ‘justa investigação’, ele sacrifica, às vezes, a verdade ao movimento geral do relato e privilegia os efeitos sobre o leitor em detrimento da veracidade do propósito. Seu quadro oferece, entretanto, atrás de um espelho um tanto deformado, um autêntico retrato da visão de mundo da classe cavalheiresca pela qual ele escreve. Nesse sentido, Froissart apresentou realmente o espírito da função educativa e prescritiva do discurso histórico que deve indicar, à nova geração, o código de honra cavalheiresco: o valor no combate, a generosidade sem limites, o fausto por ocasião dos divertimentos”. DOSSE, François. **A História.** *op. cit.*, pp. 120-121.

partir de Ramon Berengar IV (1131–62) até Alfonso IV (1327–36), pai de Pedro IV. Dentre aqueles dedicados à prática da historiografia no ambiente espanhol, merece uma atenção especial o historiador Pero Lopez de Ayala (1332 – 1407). Atuando como cronista régio e diplomata, transitando entre diferentes patrocinadores conforme a ida e vinda de novos governantes, escreveu uma série crônicas sobre os reinados de Pedro I de Castela (“o Cruel”), Enrique de Trastamara (Enrique II de Castela), Juan I de Castela e outra, inacabada, sobre Enrique III de Castela, todas reunidas sob o título *Historia dos reis de Castela*. Apresentando conhecimento sobre autores clássicos e medievais⁷, Ayala desenvolveu sua análise histórica, especialmente quando comparado a Froissart, através de um tom mais rigoroso, pois sua preocupação não residia apenas na exaltação do valor cavalheiresco, mas sim na investigação dos feitos e de suas circunstâncias. De fato, o autor comprehende que a memória dos homens, por ser muito fraca, necessitava ser devidamente preservada pelos homens de saber, para que todos aqueles, ao relembrarem dos grandes acontecimentos do passado, pudessem agir de boa fé no

⁷ O conhecimento de Pero López de Ayala era amplo, tal com Khaldun, e teve acesso à obras como de Tito Lívio (foi o tradutor de parte das *Décadas*), Santo Agostinho, Boecio (tradutor de *De consolatione philosophiae*), São Gregório (tradutor de *Morales*), São Isidoro (tradutor de *De summo bono*), Egidio Romano, Boccaccio (tradutor de *Caída de príncipes*) e leitor de *Estoria de España* de Afonso X, o Sábio. O poeta castelhano Pero Ferrús dedicou à Ayala uma de suas cantigas em 1380. O *canciller* foi testemunha de um tempo em que ocorreu o Cisma do Ocidente, a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), de uma época de intensa utilização dos livros clássicos e o aumento da autoridade real.

presente⁸. Ou seja, uma visão de que a história, escrita sob a égide da verdade⁹, teria muito a ensinar aos homens, cumprindo ao seu objetivo de caráter legitimador em relação ao passado e os personagens dele resgatados – uma concepção instrumental da escrita histórica.

Igualmente cronista régio, mas habitante do reino português, foi o historiador Fernão Lopes (c.1378 – 1479)¹⁰. Atuando no ambiente de corte, orientado para o trabalho investigativo sobre o passado pelo rei Dom Duarte (1433-1438), escreveu uma série de crônicas contemplando a história dos reis Dom Pedro I (1357-1367), Dom Fernando (1367-1383) e Dom João (1385- 1433), visando o fortalecimento da memória em torno do momento de ascensão da Dinastia de Avis, legitimando assim seus sucessores. Guarda-mor da Torre do Tombo no ano de 1418, conhecedor dos clássicos, teve ao seu acesso uma grande quantidade de documentos para a composição de seus escritos, pretendendo, ao deixar de lado a parcialidade que muitos praticavam, escrever nada mais que a

⁸ AYALA, Pero Lopez de. **Crónicas de Los Reyes de Castilla**: Don Pedro, Don Henrique II, Don Juan I y Don Henrique III. Tomo I. Madrid: Imprensa de Don Antonio de Sancha, 1779, p. XXIX.

⁹ AYALA, Pero Lopez de. **Crónicas de Los Reyes de Castilla**: Don Pedro, Don Henrique II, Don Juan I y Don Henrique III. Tomo I. *op. cit.*, p. XXX.

¹⁰ Para um estudo aprofundado sobre a escrita de Fernão Lopes e Ayala, ver: GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Estudo das representações de monarca nas Crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV)**: O espelho do rei: “- Decifra-me e te devoro”. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

verdade, afastando-se de qualquer mentira voluntária¹¹. Ressalta, porém, a possibilidade de algum erro, mas unicamente em virtude de alguma informação descuidada proveniente de velhos escritos. Também, para o autor, sua obra não possui o cuidado narrativo que muitos procuram, mas antes cabe a ele apresentar a verdade do que estilizar falsidades¹². Nesse sentido, como projeto para sua obra, ressalta a importância de ordenar e apresentar os grandes feitos, dignos de lembrança, acerca dos monarcas portugueses¹³. Como percebemos, as semelhanças entre Ayala e Fernão Lopes são muitas, principalmente no que se refere à posição de cronista ou historiador “oficial”, o qual se prestava a resgatar e escrever sobre um determinado momento do passado em vista de possíveis motivações políticas. Mesmo assim, o critério sempre proposto era o de busca pela verdade dos acontecimentos, um argumento retórico que, do ponto de vista prático, corroborava no reforço de autoridade ao escrito.

No ambiente muçulmano do século XIV encontramos os historiadores que se valeram de uma riqueza de conhecimentos advindos da cultura urbana em que estavam imersos, como bem ressalta Maya Shatzmiller, para produzir a História:

¹¹ LOPES, Fernão. **Chronica de El-Rei D. João I.** Vol. I. Lisboa: Escriptorio, 1897, p. 17.

¹² LOPES, Fernão. **Chronica de El-Rei D. João I.** Vol. I. *op. cit.*, p. 17-18.

¹³ LOPES, Fernão. **Chronica de El-Rei D. João I.** Vol. I. *op. cit.*, p. 18.

Para el historiador del siglo XIV no fue fácil dar una interpretación histórica significativa del mundo en el que vivía. En al-Andalus, estuvieron duramente presionados para interpretar la inestabilidad, las discusiones internas, la pérdida de territorio y la inseguridad. En el Marruecos meriní, tuvieron que ocuparse de los asesinatos de miembros de la familia real a manos de otros integrantes de la misma dinastía, dejando a un lado el apoyo a instituciones religiosas y los modelos cambiantes de selección de las élites. Ante el deterioro de las condiciones políticas en todo el Occidente islámico, respondieron desarrollando aspiraciones étnicas, locales y regionales, y con movimientos sociales, religiosos y culturales. El siglo XIV ayudó a crear una serie de grandes historiadores que respondían a todo esto, sin embargo fue Ibn Jaldún el que tuvo más éxito, al transformar el sentido del carácter fundamental de la historia de la sociedad humana en una ciencia con sus propias reglas. El historiador del siglo XIV estaba bien rodeado. El universo que Ibn Jaldún compartió con sus colegas ya era muy cosmopolita. Comprendía el Oriente islámico, el Norte de África y al-Andalus, incluyendo regiones que habían pasado al dominio cristiano y que habían nutrido a generaciones de intelectuales islámicos. En ese momento, el panorama político del Norte de África y de al-Andalus había llegado a estar, incluso, más íntimamente unido que antes, y ambas sociedades, unidas, habían empezado a compartir afinidades políticas y culturales que expresaron en multitud de facetas literarias¹⁴.

¹⁴ SHATZMILLER, Maya. Ibn Jaldún y los historiadores del siglo XIV. In: VIGUERA MOLINS, María Jesús (coordenação científica). **Ibn Jaldún: el**

Por exemplo, Ibn Al-Khatib (1313-1374), vizir do sultão granadino nazarí Muhammad V e amigo de Ibn Khaldun (1332-1406), e que foi assassinado em 1374, ficou conhecido por sua História de Granada (uma coletânea de mais de 60 livros)¹⁵. Ibn Khatib pertencia a uma família muito rica e culta, os Al-Salmani que está presente em Al-Andaluz desde a época omaya. O pai do referido historiador granadino, Abd Allah, foi um exímio literato e médico. Essas ciências foram ensinadas à Ibn Al-Kathib, mas para além delas, a História foi muito desenvolvida por ele. Ibn Al-Kathib, que tinha uma formação malikita, ficou conhecido como um famoso historiador e poeta de seu reino. Segundo Shatzmiller: “Los historiadores y sus receptores vieron en la escritura de la historia una misión para la Humanidad, como Ibn al-Jatib, el famoso colega de Ibn Jaldún, dijo en su crónica de Granada, al-Ihata fi ajbar Garnata: ‘...el arte de la historia es un objeto de deseo para el ser humano’¹⁶.

Mediterráneo en el siglo XIV – auge y declive de los impérios. Granada: Fundación El Legado Andalusí, p. 362, 2006

¹⁵ KHATIB, Ibn Al. **Al-Ihata fi akhbar Gharnata** (Historia de Granada). Edição de Muhammad Abd Allah Inan. Cairo: Maktabat al-Khanji, 1978. Na época clássica da escrita da História no Islã se aperfeiçoam as biografias, se instiga uma busca pela ordem cronológica e se rastreiam as dinastias dos poderosos. No entanto, sabemos que os historiadores islâmicos não se especializavam em um tipo apenas de gênero e sim escreviam ao mesmo tempo, e às vezes, até misturando as três categorias de narrativas referidas.

¹⁶ SHATZMILLER, Maya. Ibn Jaldún y los historiadores del siglo XIV. In: VIGUERA MOLINS, María Jesús (coordenação científica). **Ibn Jaldún: el Mediterráneo en el siglo XIV – auge y declive de los impérios.** Granada: Fundación El Legado Andalusí, p. 362, 2006

Devido à retirada de Muhammad V do sultanato de Granada em 1359, por conta da sublevação de Muhammad VI, Ibn Al-Khatib acompanhou seu sultão para Fez. A escrita de Ibn Al-Khatib era profundamente influenciado pela literatura, por isso são muitas as odes (muachahat) que nos deixou de herança. Além das poesias, Ibn Al-Khatib escreveu obras sobre o sufismo, jurisprudência, medicina, geografia de viagens, biografias de poderosos e acerca da História.

No entanto, a escrita da História para Ibn Al-Khatib estava marcada pelo modelo cronístico, genealógico e biográfico. O interesse de Ibn Al-Khatib em sua História de Granada era demonstrar a grandeza do governo nazarí, e o adorno dessa escrita histórica era sua licença poética. Já o historiador egípcio Al-Maqrizi (1364-1442) foi inspirado pela escrita crítica da história de Ibn Khaldun. Al-Maqrizi era um historiador nascido no Cairo que ocasionalmente servia a Dinastia Mameluca do Egito e da Síria. Quando no cargo de muhtasib (encarregado da polícia municipal) denunciou, por conta de seu espírito crítico, as irregularidades das ações de alguns guardas da cidade do Cairo. No entanto não obteve resultado, pois percebeu que o poder mameluco é quem comandava as ações dos funcionários e não ele. Assim se afastou da vida pública e foi dar aulas em Damasco. Inspirado pelas obras de Ibn Khaldun se dedicou a escrever a História (*tarikh*) buscando a verdade.

Al-Maqrizi escreveu uma história sobre a dinastia Ayúbida e Mameluca intitulada *Kitab Al-Suluk*¹⁷, colocou sob a pena biografias

¹⁷ AL-MAQRIZI. **Kitab Al-Suluk**. Edição de Lajnat al-Ta'lif wa al Tarjamah, 1942.

e além disso, pequenos tratados criticando o comportamento da guarda municipal do Cairo e sobre a diferença entre o governo dos Omayas com dos Abássidas.

O também historiador mameluco Ibn Al-Furat (m.1405) foi escritor de uma história de sentido universal, ela é denominada Tarikh al-Duwal wa-l Muluk¹⁸. Nesse trabalho, Al-Furat nos apresenta um panorama sobre as dinastias Ayúbida, Mameluca e detalhes sobre a época das cruzadas. Al-Maqrizi se utilizou dessa obra de história de Al-Furat para escrever sua história sobre as dinastias reinantes no Cairo. A escrita de Al-Furat demonstra um interesse pelo significado econômico e políticos dos fatos e as leis que regulavam o grupo próximo do sultanato mameluco.

Vemos que nos autores islâmicos o interesse é local com seus governantes. Al-Khatib escrevia uma história que buscava legitimar os nazaríes, incluindo aí elementos da ode poética. Já Al-Maqrizi e Al-Furat parecem mais próximos da busca da verdade que esteve como elemento vital de sua escrita da História; o segundo, Al-Furat desejava compreender o comportamento político e econômico de seu próprio tempo. Este um momento marcado por pestes, batalhas no deserto, desagregação política da umma, mas também da existência de homens da pena reflexivos – tanto para os cristãos como para os islâmicos – que desejavam buscar a verdade e principalmente, entender sua própria época olhando o passado para construir seus presentes.

¹⁸ http://muslimheritage.com/topics/default.cfm?ArticleID=512#Ibn_Al-Furat
(Acesso em 04/08/2011).

Portanto ainda que esses historiadores cristãos e islâmicos pretendessem, utilizando-se de critérios mais ou menos rigorosos, encontrar e escrever a verdade em seus escritos, eles acabavam muitas vezes mesclando, numa mesma narrativa, elementos da realidade plausível, constatáveis, junto com aspectos da fantasia, míticos e sobrenaturais. De fato, cada época tem sua mentalidade, na qual entrevemos diferentes crenças e visões de mundo, as quais modelam a percepção e explicação do universo visível e invisível. Por isso, não podemos de forma alguma “julgar” o modo como os historiadores do medievo escreveram a história, mas sim compreendê-la dentro de sua especificidade.

Fontes

- AL-MAQRIZI. **Kitab Al-Suluk.** Edição de Lajnat al-Ta'lif wa al Tarjamah, 1942.
- AYALA, Pero Lopez de. **Crónicas de Los Reyes de Castilla:** Don Pedro, Don Henrique II, Don Juan I y Don Henrique III. Tomo I. Madrid: Imprensa de Don Antonio de Sancha, 1779.
- KHATIB, Ibn Al. **Al-Ihata fi akhbar Gharnata** (Historia de Granada). Edição de Muhammad Abd Allah Inan. Cairo: Maktabat al-Khanji, 1978.
- LOPES, Fernão. **Chronica de El-Rei D. João I.** Vol. I. Lisboa: Escriptorio, 1897.

AL-FURAT. Fonte em:
http://muslimheritage.com/topics/default.cfm?ArticleID=512#Ibn_Al-Furat (Acesso em 04/08/2011).

Bibliografia

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia** : Ensaios. Bauru: EDUSC, 2005.

CARIE-JABINET, Marie-Paule. **Introdução à historiografia**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2003.

DOSSE, François. **A História**. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Estudo das representações de monarca nas Crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV): O espelho do rei: “- Decifra-me e te devoro”**. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

SHATZMILLER, Maya. Ibn Jaldún y los historiadores del siglo XIV. In: VIGUERA MOLINS, María Jesús (coordenação científica). **Ibn Jaldún: el Mediterráneo en el siglo XIV – auge y declive de los impérios**. Granada: Fundación El Legado Andalusí, pp. 362-365, 2006.